

O SER HUMANO: IMAGEM DE DEUS E CENTRO DA CRIAÇÃO SEGUNDO A REFLEXÃO DA TEOLOGIA SISTEMÁTICA DE LUÍS FRANCISCO LADARIA

*THE HUMAN BEING: IMAGE OF GOD AND THE CENTER OF CREATION
ACCORDING TO THE REFLECTION OF THE SYSTEMATIC THEOLOGY OF LUÍS
FRANCISCO LADARIA*

Reginaldo Marcolino¹

Resumo: O teólogo Luís Francisco Ladaria² em sua obra *Antropologia Teológica* procura apresentar o ser humano a partir de Deus, daí o cerne da obra. Neste artigo tem-se o núcleo da temática da origem do ser humano que é, justamente, vê-lo como imagem e semelhança e, sob este aspecto fazer a devida distinção do que seriam estes dois elementos presentes no relato sacerdotal em Gênesis, capítulo 1 – 2,4a. Portanto, a clara distinção destes dois aspectos trará uma possibilidade de síntese teológica, pois a verdadeira imagem de Deus no ser humano se dá por meio da Encarnação do Filho, Jesus Cristo.

Palavras-chave: Antropologia-Criação-Jesus Cristo

Abstract: Theologian Luís Francisco Ladaria in his work *Theological Anthropology* seeks to present the human being from God, hence the herat of the work. In this article there is the nucleus of the theme of the origin of the human being, which is, precisely, to see him as an image and similarity and, under this aspect, to make the proper distinction of what would be these two elements presente in the priestly account in Genesis chapter I. Therefore, the clear distinction of these two aspects will bring a possibility of theological synthesis, since the true image of God in the human being occurs through the Incarnation of the Son, Jesus Christ.

Keywords: Theological Anthropology. Creation. Jesus Christ.

Introdução

São muitas as narrativas bíblicas que apresentam o homem como alguém privilegiado de Deus. Na narrativa do Gênesis na qual, Gn 1 e 2, o homem é lugar-tenente de Deus, reportando ao seu Criador, que embora não possua imagem, adquire imagem a partir do homem. Assim, entende-se que só se pode falar de Deus quando se

¹ Mestre em teologia sistemática pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Professor na Faculdade João Paulo II, Marília/SP. (FAJOPA).

² Ao tratarmos de um teólogo em específico neste artigo, iremos utilizar uma fonte bibliográfica de maneira especial, dentre outras, a saber: LADARIA, Luís F. *Antropologia Teológica*. Roma-Madrid: Universitá Gregoriana, 1983.

fala do homem e vice-versa³. Mesmo utilizando primordialmente a narrativa de Gn 1, utilizar-se-á também, em algumas passagens comparativas, Gn 2.

A literatura sapiencial através dos salmos mostra a primazia do homem em relação aos outros seres criados por Deus. Quando o Salmo 8 nos diz: “quem é o homem, para que nele penses, e o ser humano, para dele te ocupes?”, já é uma alusão dessa preocupação de Deus e, ao mesmo tempo, o cuidado Dele para com o ser humano, isso tudo dentro de um grande paradoxo que é, de um lado a *grandeza humana* e, de outro, sua *fragilidade*, ressaltando a compreensão soteriológica da criação, ligação entre a atividade de Deus na criação e sua atividade na história da salvação⁴.

O teólogo Luís Francisco Ladaria irá se preocupar em mostrar uma visão cristã de homem, indo além de uma visão da própria experiência ou daquilo que se pode deduzir, seja da filosofia ou das ciências humanas. Por isso, verificar-se-ão indicações daquilo que o ensinamento bíblico da criação transmite vendo o homem “à imagem e semelhança” de seu criador, Deus. Isso equivale a dizer ou pensar, no homem a partir de uma compreensão bíblica recebendo seu sentido último por meio da salvação trazida por Jesus Cristo⁵. Até que ponto as narrativas bíblicas darão essa conotação de interpretação a ponto de se chegar a conclusão que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança e, ainda que a verdadeira imagem se dá em Jesus Cristo, o Filho de Deus?

Desenvolvimento: imagem e semelhança

Encontra-se a afirmação sobre a criação do homem à imagem e semelhança de Deus no documento sacerdotal no livro do Gênesis 1, 26-27. A fonte javista Gn 2 prepara tal afirmação da fonte sacerdotal, pois esse homem fora formado por Deus do pó da terra e recebe a vida de Deus; deve trabalhar no jardim, dá nome aos animais e precisa de uma companheira. É claro que, são inúmeras as interpretações sobre esse trecho da criação do homem à imagem e semelhança de Deus. Ladaria irá adotar uma reflexão, dentre muitas, a de G. von Rad⁶, que considera sobretudo, o *domínio do*

³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral: raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009. p.22.

⁴ Idem, 2009, p. 23.

⁵ LADARIA, Luís F. *Introdução à Antropologia Teológica*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1998. Esta noção é aperfeiçoada e levada a termo em Jesus Cristo como bem evidencia o Concílio Vaticano II, colocando-o como centro (cf. GS, 22). Cristo é colocado como centro, justamente porque n'Ele Deus mesmo manifesta e redime o ser humano em seu amor: “a questão do ponto de vista da aliança não é qualquer coisa de contraditório, mas aperfeiçoa a relação de Deus com o mundo estabelecida na criação”.

⁶ VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973. v.1.

homem (relação de cuidado) sobre o mundo, remetendo assim essa condição oferecida ao homem de “imagem”. Nesse sentido, Israel considera o homem representante de Deus. É claro que, outros autores preferem insistir na relação do homem com Deus e a questão do domínio sobre o mundo seria apenas uma consequência. Daí entende-se a complexidade da temática do homem como imagem. Assim, pois, ao falar do homem como “imagem” de Deus, isso comporta, ao menos, seis características: 1) a *racionalidade*, o ser humano possui a capacidade de conhecer e compreender a criação; 2) a *liberdade*, como capacidade do ser humano e, ao mesmo tempo, o dever de decidir e a responsabilidade a partir de sua decisão; 3) a *posição de comando* do ser humano não como algo absoluto, mas sob o domínio do Criador; 4) a *capacidade do ser humano de imitar a Deus*, ou seja, agir em conformidade à sua decisão de imagem de Deus; 5) a *dignidade humana*, como um ser “relacional” a Deus e com as outras pessoas; 6) a vocação ao qual o ser humano é chamado: a *santidade*⁷.

Ladaria com base na reflexão anteriormente apresentada de G. von Rad, irá dar algumas indicações para aprofundar esse tema do homem como imagem de seu Criador. Assim, a condição de imagem, em primeiro lugar, refere-se a todos os aspectos do ser humano e não unicamente a um aspecto do homem, porque na narrativa do Gênesis é falado da ação de Deus, onde cria o homem segundo a sua “imagem e semelhança”. Dessa maneira, a condição do homem vem daquilo que Deus pensou e projetou para ele⁸. Sobre esta condição de ser imagem, entende-se também que, o ser humano possui uma aparência, uma afinidade, indicando uma proporção em relação a Deus seu criador, indicando, por conseguinte, uma representação; mas tanto uma como outra, aludem à origem do ser humano⁹.

Por isso, pensar a questão do ser humano como imagem de Deus, seu criador, é pensar uma situação relacional, pois essa condição de imagem pressupõe essa relação. Essa relação com o Criador faz pensar na condição social do homem, no respeito à vida humana e até mesmo na participação na vida divina, mas o determinante nessa pesquisa

⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, op.cit, p. 22.

⁸ Segundo A. Ganoczy em sua obra *Doctrina de La creación*. 1986, p. 33-36: “temos uma distinção dos verbos *kabash* (submeter) e *radah* (dominar), no relato sacerdotal, pois para *kabash* a tradução mais adequada seria não submeter, mas tomar posse de determinada terra. O verbo *radah* (em Gn 1,26) indica o domínio do homem sobre os animais; domínio no sentido de exploração, mas estaria apontando para a função de um pastor ou de um juiz de paz”.

⁹ TRIGO, Pedro. *Criação e história*. São Paulo: Vozes, 1988. (Teologia e libertação, 2. A libertação na história, 3). p. 323

é, justamente, mostrar “como” o homem se torna partícipe da condição divina e, com isso, dominador da criação (Cf. Sl 8, 6ss.).

A partir dessa condição do homem, o AT mostra que ele é o responsável pelo mundo como uma espécie de *interlocutor de Deus*, é uma parte ativa na criação e, como consequência de sua condição, também em toda história, onde Deus deseja levar essa mesma história a termo. O homem seria como que um *colaborador na obra de Deus*, pois as criaturas estariam aos seus cuidados (Cf. Gn 1,26.28.), sendo ele um administrador fiel (daí, o termo domínio da criação).

Toda a mensagem do Gênesis foi reinterpretada à luz de Cristo no NT. Essa reflexão voltará a seguir, seja por meio da revelação no NT, seja pelos Padres da Igreja, passando pelas escolas teológicas até Tomás de Aquino; mas essa imagem de Deus que aparece no NT, é o próprio Jesus, pois enquanto imagem do Pai Ele o revela. Toda essa reflexão é uma reinterpretação cristológica do homem como imagem de Deus, sendo que Jesus por sua Encarnação se torna verdadeiro homem.

Mesmo que essa reflexão tenha partido do fato que o homem é imagem de Deus e, por isso tem domínio sobre todas as coisas criadas, ele não deixa de ser criatura e, essa condição pressupõe que este mesmo homem seja dependente de Deus, em seu ser e em seu agir. Essa dependência não é alienação ou escravidão, pois esse Deus cria em seu amor estabelecendo uma relação dialógica¹⁰; por isso, tem-se o ato intrínseco do ser “imagem”, ou seja, a situação de relação do homem com seu criador¹¹.

Criou-o a sua imagem, de modo que o homem só pode compreender e possuir a si mesmo em relação a Deus, face a face com seu modelo, vivendo perante ele, responsabilmente, com os demais seres criados. Segundo isso, a realização humana consiste em transcender escutando, obedecendo, agindo conforme seu modelo para chegar a torná-lo transparente, como imagem fidedigna¹².

Essa terminologia na narrativa bíblica, “imagem e semelhança”, remete, pois, ao que se chama de modelo, ou seja, o ser humano foi criado para ser modelo de Deus. Ser modelo do criador é uma vocação e expressão da constituição original do ser humano. Assim, não se fundamenta esse sentido a partir do humano em si mesmo, mas a partir de

¹⁰ H.W. Wolff em sua obra *Antropologia do Antigo Testamento*, p. 130. *tb. von Rad Op. Cit. p. 92*, apresenta que o homem é imagem de Deus porque tem capacidade de escutar e de responder à interpelação que Deus lhe faz; essa seria a relação dialógica de Deus com o homem e vice-versa.

¹¹ Neste sentido de relação, podemos fazer alusão ao texto de Gn 5,3 onde se fala de uma relação de conformidade entre o filho e o pai.

¹² TRIGO, op. Cit., p. 317.

Deus e, em contrapartida, define-se a relação com Ele; por isso, o ser humano é capaz de Deus.

Apesar de colocar o homem num processo relacional com seu Criador, não só da parte do homem que busca sua imagem semelhante ao criador, mas de Deus para com o homem. Dessa maneira, essa imagem se torna inviolável, tanto para o homem, como para Deus e mesmo aos outros seres criados, como as plantas e os animais. Isso é mostrado claramente quando Deus proíbe derramamento de sangue humano, “porque Deus fez o homem à sua imagem” (Cf. Gn 9,6). Assim, a vida deve ser protegida como algo que Deus mesmo criou. Entende-se que a vida humana é participação na vida divina e que, a partir de Jesus, é imagem de Deus¹³; assim, os homens se tornam participantes, pelo Batismo, da vida divina e, com isto, todos se tornam filhos adotivos de Deus.

O ser humano é uma criatura peculiar dentro do plano divino da criação, pois ele não é algo a mais criado no curso de seis dias, mas dá sentido à criação inteira. Assim, pois, segundo Ladaria, o homem torna-se uma criatura particular de Deus: criado à imagem e semelhança de seu Criador.

Duas questões fundamentais irão ocupar centralidade na teologia cristã sobre o homem e que irão perpassar a época patrística onde encontra-se um substrato essencial da fé: a constituição interna do homem, e sua condição de imagem. É sabido que o ser humano é o destinatário da revelação e salvação em Jesus Cristo. Mas, será que a definição do ser humano é um dado anterior à economia da salvação? Ou, que significa para o homem o fato de Jesus ter assumido nossa condição humana?

Ladaria, em sua obra *Antropologia Teológica*, irá apresentar noções dos Padres da Igreja, a saber:

No início do cristianismo a criação do homem por Deus era objeto de uma fé espontânea. Clemente de Roma, por exemplo, segundo Ladaria, apresenta uma visão unitária do homem que integra sua relação com Deus. Vê-se uma ligação de Gn 1,26 com Gn 2,7, pois esse mesmo Deus que cria o homem à sua imagem e semelhança é Aquele que modela o homem do barro dando-lhe o sopro da vida. A unidade corpo e alma começa aqui, onde Deus cria modelando e dando vida (*anima*).

¹³ Paulo, no NT, insiste em usar esta expressão “imagem de Deus” para Jesus, sabendo que nossa vocação consiste em nos tornarmos imagens dele (cf. 1Cor 11,7; 15, 47-49). Será também um tema básico da patrística.

Inácio de Antioquia, contudo, tem como objeto de reflexão o binômio carne-espírito, o homem composto de corpo e alma. Isso define a constituição do homem em seu aspecto moral, pois Paulo fará alusão a este tema separando as ações da carne e do espírito. Esse binômio ganha sentido a partir de Jesus Cristo, que sendo homem e Deus, isto é, carne e espírito, tem ações humanas carnis, as quais podem atingir seu ser espiritual quando feitas por Ele. Desse modo, encontra-se uma rica alusão ao mistério da Encarnação, pois Inácio de Antioquia afirma que, o ser humano atinge sua plenitude em Jesus Cristo.

As obras de Pseudo-Barnabé, apesar de não apresentarem conclusões sobre o assunto, mostram em Gn 1,26, “façamos o homem à nossa imagem, segundo nossa semelhança”, como algo dito pelo Pai ao Filho.

Os apologistas possuem uma reflexão antropológica mais acentuada. Justino fala do corpo, apesar de não rejeitar que o homem é composto de alma e corpo. O corpo, segundo ele, é que distingue os homens dos animais, pois a alma humana tem capacidade de ver a Deus, e os animais são impedidos dessa visão por causa da constituição de seu corpo. Mas, também, nem todos os homens verão a Deus; somente os justos que se purificam pela virtude. Sendo, neste caso, a alma humana algo não divino, somente a liberdade é que determinará em última instância o destino humano.

Assim, o homem criado à imagem de Deus é o homem corporal. Taciano defende que a alma humana é composta de numerosas partes, não se manifesta por si mesma sem o corpo, nem ressuscitará sem o corpo. Se, de um lado, o homem é material, de outro, bem superior, não por sua alma, ele é imagem e semelhança de Deus.

Já Teófilo de Antioquia¹⁴ pensa que, o homem não é mortal nem imortal, mas poderá ser mortal ou imortal de acordo com a vivência dos mandamentos divinos, que somente pela obediência o ser humano pode chegar a Deus participando de sua imortalidade, ao passo que, a desobediência o arrasta como arrastou na queda, o homem para a morte.

Irineu, em sua teologia, muito próxima e fundamentada na de Paulo, fala do homem composto de uma alma e de um corpo, mas sobretudo do corpo. Para ele, o Espírito Santo dado ao ser humano leva-o à perfeição, pois o que Deus quer para ele, nada mais é que a perfeição da imagem e semelhança, a qual é atestada no relato da criação, determinando em profundidade seu verdadeiro ser. Assim sendo, o homem

¹⁴ LADARIA, 1998, p. 169.

atinge sua própria perfeição somente com a força de Deus, ou seja, com o Espírito Santo. Esse elemento é o que classifica o aspecto da transcendência humana, que unida à alma e ao corpo é constituído o ser humano. Irineu segue a idéia apresentada por Clemente de Roma que fora atribuída a Justino: o homem é modelado, segundo um caráter cristológico. Para ele, o modelo para a criação do homem é Jesus, pois Ele é a perfeita imagem do Pai (Cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15)¹⁵.

Assim, os Padres da Igreja, na amostra feita pelo teólogo Ladaria, desenvolvem sua teologia da criação apresentando o ser humano a partir de Jesus. Em específico, Irineu mostra a criação de Adão, o primeiro homem, criado do pó da terra e que prefigurava o nascimento de Jesus por meio da Virgem Maria. Esse nascimento garante que o Salvador participa da humanidade dos que devem ser salvos, assegurando uma solidariedade tamanha que remete a todo gênero humano “a figura daquele que havia de vir” (Cf. Rm 5,14).

Portanto, para Irineu a “imagem de Deus” no homem é algo mais estático, algo ligado à constituição do ser humano. Já a “semelhança” é algo que possui seu dinamismo, pois indica uma progressiva assimilação de Deus por parte do homem. O homem perdeu essa semelhança com o pecado, mas ela será restituída por Jesus, que por sua Encarnação, revela à imagem de quem o ser humano havia sido criado.

A teologia de Tertuliano segue a mesma linha de reflexão de Irineu, desenvolvida em relação ao corpo. Pois, Deus, ao modelar o homem do barro, como é narrado em Gn 2,7, deu-lhe um corpo, que seria a carne, infundindo nele uma alma com seu próprio sopro. Acontece uma fusão entre o relato de Gênesis e o pensamento paulino, pois o corpo é algo comum tanto em Adão como em Cristo, sendo uma situação do ser humano nesta vida, o que seria um “corpo animal”, que após a ressurreição atingiria o “corpo espiritual”¹⁶.

A partir de agora Ladaria, inicia seu diálogo com o pensamento grego, onde perceber-se-á a primazia da alma ao se falar do ser humano. Em Clemente de Alexandria¹⁷, o corpo é o lugar onde habita a alma e isso vem do fato de que ela pode ser tomada por Deus, por estar unida à divindade. Ou a alma tende a se libertar do corpo ou, ao contrário, será o corpo que, por meio da alma, irá se elevar. Assim, a alma é identificada com o sopro divino de Gn 2,7, que é diferente do dom do Espírito Santo

¹⁵ Idem, 1998, p. 49.

¹⁶ Idem, 1998, p. 97.

¹⁷ Idem, 1998, p. 49.

dado aos que creem em Jesus Cristo. Na alma esse dom do Espírito age para que o homem possa realizar boas obras. Em Orígenes, existe uma continuidade do pensamento grego, onde a alma seria a única a ser realmente imagem de Deus, pois o “espírito” indica a participação do homem na vida divina; a “inteligência” (*nous*) caracteriza-se pela liberdade, onde a alma superior seria sede do livre-arbítrio e, por fim, o homem, um ser constituído de corpo. A imagem de Deus, neste caso, se caracteriza na alma; assim, ela é seguidora do espírito divino, criada à imagem do Verbo, devendo ser cada vez mais semelhante a ele. O corpo não participa da dignidade da alma por ser imagem e semelhança do Verbo.

Para Orígenes, segundo Ladaria, não há uma relação entre a criação inicial e a Encarnação do Verbo, apenas, o Filho foi tomado de compaixão do ser humano que fora criado à imagem de Deus, mas afastou-se dele e, assim foi revestido do maligno, necessitando que o Verbo fosse ao seu encontro. O Verbo é a verdadeira imagem de Deus Pai e modelo da criação em geral, em especial, do homem (em sua alma). O ser humano pode, dessa maneira, participar da vida do Pai na medida em que participa da filiação do Verbo¹⁸.

Em Atanásio¹⁹ e Hilário²⁰, o homem é um ser racional (*logikos*) na qualidade de semelhante ao Verbo (*logos*). O homem é imagem de Deus por graça, ao passo que o Verbo o é por natureza e essa tese foi sustentada no combate ao arianismo. Hilário faz bem a distinção entre corpo e alma: a alma é o homem interior, feito à imagem de Deus, incorpóreo, sutil e eterno; já o corpo, ao contrário, é caduco e terrestre.

Com o pensamento dos capadócijs a teologia dos alexandrinos ganha vigor, pois terá um desenvolvimento ulterior. O tema da imagem em Gregório de Nissa²¹ é fundamental, pois o homem aparece como criado por último, evidenciando o “domínio” sobre as outras criaturas. Esse poder de reinar está unido à sua liberdade e relaciona-se com a imagem divina, devendo ser reflexo da bondade de Deus na prática das virtudes. A verdadeira imagem é da Trindade (inteligência, palavra e amor) e não a do Verbo, isso por estar fortemente ligada à luta dos que negam a divindade do Filho e do Espírito Santo. Vê-se aqui a imagem divina na alma, que corresponde ao livre-arbítrio e às virtudes. Assim, neste mesmo sentido que, para Basílio de Cesaréia²² a distinção do que

¹⁸ Idem, 1998, p. 145.

¹⁹ Idem, 1998, p. 60.

²⁰ Idem, 1998, p. 49.

²¹ Idem, 1998, p. 34

²² Idem, 1998, p. 215.

é interior no homem, a alma, e o seu exterior, o corpo. Para ele, a alma é imortal porque é feita à imagem de Deus e, o corpo, mortal porque é abandonado na morte. Também em Ambrósio de Milão²³ existe a proeminência da alma sobre o corpo, uma vez que, todo seu pensamento é carregado de influência platônica, perfazendo o mesmo caminho e reflexão de Gregório e Basílio.

Em Santo Agostinho, encontra-se o composto de alma e corpo, apesar de haver uma primazia da alma, mas não se pode, segundo sua visão, falar de homem a não ser a partir desses dois princípios, como bem apresenta Ladaria. Essa união entre corpo e alma irá suscitar admiração pelo autor até para o entendimento do mistério da Encarnação. Assim, apesar da unidade inseparável desses dois elementos, corpo e alma, há também uma grande diferença entre os dois. O homem é uma alma racional que se serve de um corpo mortal e terrestre; por isso, a distinção que Paulo faz entre carne e espírito adquire, em sua reflexão, sentido fortemente antropológico. A partir da clara distinção entre corpo e alma atinge-se a forte oposição entre bem e mal que possuem fundamento na liberdade humana. Dessa maneira, entende-se que, sendo o corpo criado por Deus, pode entrar na esfera divina. Na ressurreição, que é o sentido principal da fé cristã onde a esperança se fundamenta, identifica-se a plenitude da participação na alegria de Deus.

O tema da imagem está ligado à própria imagem da Trindade. Não seria suficiente considerar a imagem e semelhança de Deus no homem somente ligada ao Verbo, apesar que, aquilo que atribuímos a um, significa igualmente ao outro. A alma do homem é o reflexo da imagem da Trindade; mesmo sendo inadequada, não deixa de ser imagem. Será a descoberta do verdadeiro amor humano que colocará a alma do homem em relação à imagem divina. Mesmo no mundo material pode-se encontrar traços de Deus, que são “*vestigia*” de Deus, mas não imagem no sentido próprio do termo. A imagem de Deus no espírito humano nasce do fato de o homem poder conhecer a Deus. A Trindade são três Pessoas sendo um só Deus, ao passo que o homem é uma única pessoa com três atribuições: memória, vontade e inteligência. Portanto, ser imagem de Deus equivale a estar em relação com Deus, ou seja, chegar ao conhecimento de Deus e isso se dará na visão divina perfeita²⁴.

Segundo Ladaria, em Tomás de Aquino tem-se a atribuição da alma como “forma” do corpo, salvaguardando a primazia da alma. O homem é constituído de alma

²³ Idem, 1998, p. 67.

²⁴ Idem, 1998, p. 49.

e corpo, mas nem um, nem outro é o homem. Considerar a alma como forma do corpo é pensar que, a alma humana é subsistente por si mesma, diferente dos animais, é, pois, a forma do ser material é que comunica o seu verdadeiro ser. A alma contém nela o corpo que faz do homem uma unidade e não ao contrário. O princípio intelectual é a forma do corpo, porque é ele que o faz viver. A alma é a única forma substancial do corpo, sendo única a lhe dar o ser.

Tomás de Aquino segue o princípio da reflexão agostiniana colocando a questão da imagem do homem somente pelo espírito. O homem é imagem de Deus na qualidade de espírito, segundo sua natureza intelectual e não corporal. Neste sentido, três são as acepções para a condição de homem como imagem de Deus: a primeira refere-se à *aptidão da alma humana em conhecer e amar seu criador*, permitindo uma imitação; assim, mesmo sendo pecador, o homem não perde essa condição de imagem; a segunda refere-se ao fato de *conhecer e amar a Deus mesmo de modo imperfeito*, mas em conformidade com a graça; assim, a imagem de Deus estaria somente nos justos; e a terceira é uma *dimensão escatológica, onde o homem ama e conhece Deus no “céu”*, em conformidade com a glória; atribuição da imagem somente aos bem-aventurados.

Conclusão

Ao adentrar no pensamento do teólogo Luís Francisco Ladaria sobre o sentido de o ser humano descobrir sua verdadeira imagem, há de se considerar que Deus não possui imagem, mas a adquire a partir do ser humano. O ser humano hoje inserido em uma sociedade da informação, termo que surgiu no século XX, destaque para o momento em que a tecnologia teve grandes avanços, onde a informática e as novas tecnologias ganham evidência, pode-se inferir que a sociedade passou a apresentar novas condições para o processamento de informação e, com isto, o mundo em que vivemos passa a conceber “novas antropologias”.

O grande objetivo desta pesquisa é fazer uma reflexão pautada na antropologia teológica, onde o ser humano é visto a partir de seu Criador. Assim, aquilo que mundo contemporâneo pode mostrar o que o ser humano é, ainda não será suficiente se o mesmo não for visto a partir da imagem de Deus, o Cristo encarnado; dessa forma, essa antropologia desemboca numa cristologia. A partir de tudo o que fora apresentado, pensa-se na verdadeira imagem, a perfeita, que somente o Filho possui porque é o único gerado. O homem é a imagem imperfeita, pois foi “criado segundo à imagem”. Não

significa ser criado “à imagem da imagem”, ao contrário, ressalta-se a imperfeição da criatura em sua semelhança divina. Indica, pois, uma aproximação ou acesso²⁵, mas também uma clara distinção e uma distância, neste sentido, entre Deus e o homem.

Tomás de Aquino se serve do pensamento agostiniano e também de Hilário para ressaltar que o espírito humano é reflexo de toda a Trindade. Seguindo o pensamento aristotélico, bem utilizado por Tomás de Aquino, mas modificando-o, apresenta a unidade do ser humano sem que ele se perca neste mundo como um ser mundano. Neste aspecto vê-se em sua reflexão a ligação com a Sagrada Escritura e com os pensamentos dos primeiros escritores cristãos, pois o que se busca é um sentido cristológico da definição de homem, isto é, um circunscrever a visão de homem no mistério de Cristo. Neste sentido, o Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, fala do mistério do ser humano que se torna claro, ou ao menos palpável, a partir do mistério do próprio Cristo, o Verbo encarnado, que revela o homem ao próprio homem fazendo-o descobrir sua verdadeira vocação, e com isto, entende-se a plenitude divina a partir da revelação de Deus na forma humana de ser (Cf. GS 22).

Portanto, ao falar do homem como criado à imagem de Deus e centro da criação, ele é visto a partir do desígnio de Deus. Esse desígnio de Deus é criador e, como consequência, também salvador. Não é possível falar do homem por ele mesmo, isoladamente; ao contrário, sua existência e vocação é, justamente, participação na vida divina. Por isso que a partir do Verbo feito carne, habitando entre nós, o homem chega plenamente ao conhecimento da revelação de Deus tomando consciência de sua participação divina. Ao mesmo tempo que Deus se revela ao homem como homem, o homem por sua vez, pode chegar a atingir a verdadeira graça que é se tornar divino. O tema bíblico do homem como imagem de Deus é estudado em seus múltiplos aspectos, desde os Padres da Igreja até os escolásticos, perfazendo análises do homem em três termos: corpo, alma e espírito. Mas, é o “espírito” que busca chegar ao Espírito de Deus, pois é o que existe no homem como puro dom de Deus, é o que o faz plenamente homem. Assim, toda essa antropologia apresentada pelo teólogo Luís Francisco Ladaria se desenvolve em ligação com a cristologia, porque o homem verdadeiro e perfeito que se encontra na natureza e vocação humana de Cristo. Mas, o homem é considerado teologicamente como criatura, ou seja, em relação intrínseca com Deus, devendo ser entendido a partir de sua autonomia, inteligência, vontade, responsabilidade e liberdade,

²⁵ AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Ia, q.93, a.1; p. 794.

onde o conceito corpo-alma desempenhará todo seu papel. Enfim, é o próprio Cristo, por sua Encarnação, assumindo a condição humana, a imagem perfeita do verdadeiro homem como imagem de seu criador²⁶; e isto fica evidente em toda teologia desenvolvida pelo teólogo Luís Francisco Ladaria.

Referências

- BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1979. v. 1. (Abraão-Jesus Cristo).
- BERARDINO, A. D. (org). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs*. Trad. Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COMBLIN, J. *Antropologia Cristã*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 272 p. (Teologia e libertação, 1. A libertação na história, 3).
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*. Compêndio do Vaticano II. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FLICK, M.; ALSZEGHY, Z. *Fondamenti di una antropologia teologica*. 3ª ed. Firenze: Libreria Editrice Fiorentina, 1982. (Nuova Collana di teologia cattolica – 10).
- GANOCZY, A. *Doctrina de La creación*. Barcelona, 1986.
- HARRIS, Laird R.; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Marcio Lourenço Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- JENNI, E. *Diccionario Teologico Manual Del Antiguo Testamento*. Claus Westermann, colaborador; Trad. Rufino Godoy. Madrid: Ediciones Cristiandad, Huesca, 1985. Tomo I e II.
- KRAUSS, H.; KÜCHLER, M. *As Origens: um estudo de Gênesis 1-11*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2007. (Cultura Bíblica).
- LACOSTE, J-Y. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.
- LADARIA, L. F. *Introdução à Antropologia Teológica*. 2 ed. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. Trad. Paulo Gaspar de Meneses. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Teologia del pecado original y de la gracia*. 3.ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2001. (Sapientia Fidei – Serie de manuales de Teologia).
- _____. *A Trindade: mistério de comunhão*. Trad. Alda da anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Antropologia Teologica*. Roma-Madrid: Università Gregoriana, 1983.
- LEXICON. *Dicionário Teológico Enciclopédico*. Trad. João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo; Loyola, 2003.
- MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha, et al. Paulinas: São Paulo, 1983.
- MOLTMANN, J. *Dio nella creazione: doutrina ecológica della creazione*. Brescia, 1986.

²⁶ Segundo BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. p. 510: “depois da vinda de Cristo, a imagem de Deus no homem só se torna real quando nos tornamos “conformes a imagem de seu Filho” (Rm 8,29); pelo fato de sermos “transformados na mesma imagem” (2Cor 3,18), contemplamos “com face descoberta a glória do Senhor””.

- MONDIN, B. *Antropologia Teológica: história-problemas-perspectivas*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral: raízes bíblicas do agir cristão*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- RAHNER, K. *A antropologia: problema teológico*. São Paulo: Herder, 1968.
- _____. *Gracia divina em abismos humanos*. São Paulo: Herder, 1968.
- RIBEIRO, H. *Ensaio de antropologia cristã: da imagem à semelhança com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- RUIZ DE LA PEÑA, J. Luís. *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- SKA, J. L. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos primeiros cinco livros da Bíblia*. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2003 (Bíblica –Loyola, v. 37).
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma Teológica: A Criação; O anjo; O homem*. v.2, parte 1, questões 44-119. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2017. v. 2 . 894 p.
- TRIGO, P. *Criação e história*. Tradução de Jaime A. Clasen. São Paulo: Vozes, 1988. 344 p. (Teologia e libertação, 2. A libertação na história, 3).
- VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973. v.1.

Recebido em: 27/02/2020
Aprovado em: 21/04/2020